

CEILÂNDIA FAZ 9 ANOS

O abandono como rotina

Nem as árvores, plantadas às pressas, dão para alegrar a cidade

VANDA CÉLIA

Na próxima sexta-feira, dia 27, Ceilândia faz nove anos. O Governador Aimé Lamaison participará das comemorações, razão pela qual a Novacap tentou, na última semana, retirar da satélite a imagem de abandono que ela sempre ostentou, desde a fundação, em junho de 71, com a remoção de 80 mil favelados do Plano Piloto. O quadro geral de miséria, existente desde a inauguração, foi minimizado pela Novacap que plantou em tempo "record" árvores em toda a área central de Ceilândia, ensaiando a arborização prometida para a cidade.

A administradora regional da satélite, Maria de Lourdes Abadia Bastos, está também terminando os preparativos para a festa oficial. Apesar da contenção de gastos, ela já providenciou bandeirinhas e faixas cumprimentando as autoridades convidadas. Um funcionário do DF revelou, porém, que as faixas foram recomendadas por razões menos festivas: apurou-se que em Ceilândia quase ninguém sabe o nome do Governador, daí a administração ter estampado cumprimentos a ele em todas as faixas comemorativas do nono aniversário.

SEM ESGOTOS

Mesmo porque, segundo os moradores, não existe motivo para que Ceilândia cumpra o que prometeu a administração do GDF. "O problema", disse Eloi Medeiros (QNM 19, Conjunto K, lote 15) não é com o Governador Aimé Lamaison mas com todos os que já ocuparam o Palácio do Buriti. Segundo ele, basta uma observação geral nas quadras da satélite para a constatação de que os moradores não dispõem nem da rede de saneamento básico recomendada por questões de saúde a todos os lugares do país. Em Ceilândia as ruas são depósitos de água parada e as poucas casas que têm banheiros possuem fossas particulares porque não há escoamento de detritos.

O morador, que chegou a Brasília em um pau de arara, exibe a lama em frente ao seu lote para afirmar com desencanto: "Agente dá duro na vida inteira e acaba cercado pela miséria". Segundo ele, todas as crianças na satélite já estão contaminadas por vermes e a saúde da população está irremediavelmente comprometida pela péssima qualidade de vida. "A situação é tão séria", disse, que acho sem importância o plantio de árvore, pois de maior urgência é a construção da rede de esgotos". Eloi Medeiros é um morador padrão da satélite. Ele chegou há 20 anos, em Brasília, vindo do Nordeste. Alojou-se em um barraco nas proximidades do Núcleo Bandeirante e depois recebeu a visita dos assistentes sociais do GDF que exigiram sua remoção para a Ceilândia.

Conta ele: "Eles prometeram o lote mas acabei tendo que quitá-lo com a Terracap". Inconformado por sua péssima situação financeira - ele ganha Cr\$ 2.800 mensais da aposentadoria na Construtora Hermam - o morador vai sustentar a vida inteira que sofre em Brasília as maiores injustiças apesar de ter sido um dos serventes que ajudou a construir as mansões do lago sul onde hoje moram os ministros de Estado: "Já fiz até poesias sobre minha miséria". Eu pito, pito, repito e minhas mágoas nunca vão". Ele disse que a inauguração de Ceilândia foi um amontoado de irregularidades que incluí até desvio de verbas: "Quando eles nos trouxeram recebemos a ajuda até dos Estados Unidos, mas os assistentes sociais do governo desviaram tudo".

Para solucionar o problema dos moradores ele tem uma ideia ingênua: pede que o Governo mande para a Ceilândia o ministro do Trabalho e que pague a ele um salário mínimo. "Duvido que ele consiga alimentar seus filhos durante cinco dias com o dinheiro e que suporte as condições de vida da cidade. Só assim eu acredito que o Presidente vai saber o que nós passamos aqui". O morador acha que outra medida justa seria liberar do pagamento de água e luz os trabalhadores que ganham um salário mínimo. E não entende porque mesmo pagando o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) ele ainda não recebeu qualquer benefício dos poderes públicos.

SEM SEGURANÇA

O que Eloi viu até hoje na satélite, que beneficiou os 320 mil habitantes, "foi a instalação de uma delegacia de polícia". A seu ver, a marginalidade por ali atinge níveis intoleráveis, impedindo até a saída dos moradores durante a noite. Ele mesmo, no entanto, afirma: "também aqui não tem nada para se fazer". E na realidade não existe lazer na cidade-satélite. Só há bares, onde a pinga corre solta. E provoca muitas brigas. Segundo informações do chefe de vigilância da satélite, Manoel de Souza Lyra, a maioria dos crimes ocorre nas imediações dos muitos botecos em funcionamento em Ceilândia.

Reconhecendo as razões da população, quanto ao problema da segurança, Lyra, que tem sob suas ordens oito profissionais e dispõe de uma viatura, acha que a criminalidade está relacionada de forma direta à baixa renda dos moradores: "O povo aqui é muito pobre, pobre e humilde. O desemprego acaba gerando furtos e agressões". Em um dia já foram detidas mais de 30 pes-



Depois de nove anos, a população da Ceilândia ainda não sabe para onde caminha a cidade

soas em Ceilândia, a maioria portando armas ilegalmente. Trabalhando no lugar há sete anos, ele disse que muitos dos homicídios que lá acontecem são motivados por problemas sem a menor importância e em consequência do consumo de cachaça: "Outro dia mesmo, na quadra três mataram um velhinho numa briga de vizinhos que poderia ter sido resolvida com um diálogo".

O nível cultural da população, porém, impede muitas vezes o aparecimento de soluções pacíficas. A maioria absoluta dos 320 mil habitantes é constituída por serventes de pedreiros desempregados com a desativação das empresas de construção civil. No entender de Manoel de Souza Lyra, a delegacia de polícia também é outro problema, em lugar de solucionar os já existentes em Ceilândia: "Disponho de apenas um carro para fiscalizar a Ceilândia Norte e Sul, o Setor P, a Guaritoba, o Setor O, o Setor M Norte, a QNJ, QNH e a L Norte". Como a vigilância completa é impossível, Manoel de Souza Lyra conta que dá ordens para que a viatura dê cobertura até às 11 horas aos colégios, garantindo assim a frequência às aulas.

Terminando esse trabalho, a viatura passa a fiscalizar os bares, mas até hoje nunca deu conta de visitar todos os setores de que é encarregada. Apesar disso, o chefe da ronda acha que agora o trabalho está mais fácil, porque algumas ruas estão pavimentadas: antes a viatura ficava retida em consequência das chuvas que acumulavam barro e sujeira em todas as quadras. Contudo, o número de inquiridos que são abertos, em Ceilândia é o mais alto do DF. O chefe do cartório da Delegacia, Gentil Soares, informa que, em média, são registradas 100 ocorrências semanais, a maioria relacionada a furtos, lesões culposas e danos, além de escoriações. Em quase todas está a presença das brigas sem muitas razões. Lá também acontecem muitas seduções. Gentil Soares, porém, acha que os furtos são para subsistência e não vê motivos para taxar a população de criminosa ou violenta.

SEM LUZ

Alberto Francisco dos Santos-QNM 40 - Conj. A - casa 41 - tem opinião diferente. Ele acha que o lugar já está violento e sem condições de oferecer segurança para os pais de crianças pequenas. "Ninguém tem coragem de mandar crianças sozinhas para a escola. Como ninguém é rico para ficar sem trabalhar considero o problema grave. Segundo ele, os pais, geralmente, saem de manhã para o trabalho e os filhos não podem frequentar aulas sem eles. A noite o problema mais sério é o da iluminação: Ceilândia não tem luz suficiente denúncia o morador. A administradora explica o porquê: "Recebi verbas para colocar postes na metade da Ceilândia e não achei a forma justa. Distribuí a luz por todas as quadras". A boa vontade, no entanto, não recebeu apoio da FEB. As lâmpadas que queimam nunca são trocadas e além de suja, Ceilândia fica com ruas inteiras completamente às escuras.

"É claro que nos lugares nos quais a iluminação é ruim o número de crimes é maior, admite a administradora, Maria de Lourdes Abadia Bastos. Ela organiza a vida comunitária do local desde a fundação e, agora, empenha-se na construção de casas populares e um centro comunitário. Aos domingos ela vai participar dos mutirões e conta, com orgulho, que o trabalho começou com seis famílias, já estando hoje com 8 mil. "O sistema de mutirões nasceu da pobreza dos habitantes que viram como solução para os problemas a união através das construções conjuntas". Animada com a experiência, que tem recebido divulgação até no exterior, Maria de Lourdes acha possível sanar, a médio prazo, os mais graves problemas com que a cidade se defronta: "Admito que são sérias as questões de segurança, saúde e iluminação. Mesmo assim, as perspectivas são animadoras".

Ela conta que já está em fase inicial a construção de um centro comunitário que vai possibilitar a reunião de famílias para debates

sobre seus principais problemas e até a organização de algumas formas de lazer. Maria de Lourdes vê com otimismo a evolução de Ceilândia: "Até 76 nem água a cidade tinha e o abastecimento era feito por caminhões pipas. Hoje, muitas obras estão sendo feitas com a participação de todos". É difícil, em seu entender, organizar de forma racional a vida de 320 mil habitantes que, sobretudo, insistem em ter cada vez mais filhos: "Os maridos são nordestinos e muito machões. Normalmente, não querem nem ouvir falar de controle de natalidade. E a média de filhos é de seis por casal".

A rotatividade no campo de trabalho, onde a população de Ceilândia busca sustento é das maiores, razão pela qual concentra-se na satélite o maior número de desempregados do DF: "Quase todos os maridos trabalham no setor de construção civil e sobrevivem com o fundo de garantia que recebem quando flocam de emprego por outro. Além da ausência total de controle no número de filhos Maria de Lourdes assinala outro fator que colabora com o crescimento populacional da satélite: "Recebemos migrantes de todos os pontos do país e agora mesmo chega um considerável número de retirantes das secas que assolam o Nordeste".

SEM TRABALHO

Segundo Maria de Lourdes, tudo estaria melhor se a satélite contasse com mercado de trabalho para absorver os migrantes. No entanto, não existem fábricas ou qualquer setor que gere empregos em massa para os desempregados e retirantes. Os moradores conseguem trabalho no Plano Piloto e em Taguatinga e o resultado é o aparecimento de um outro problema de difícil solução: os transportes. Nesse campo, o Governador Aimé Lamaison já marcou pontos positivos com os moradores. A Secretaria de Serviços Públicos colocou nas linhas da Ceilândia os ônibus articulados e silenciou muitas reclamações. Mas os moradores da Guaritoba ainda não receberam qualquer apoio nesse setor e os ônibus que atendem a área demoram até mais de uma hora.

O problema de desemprego atinge também o comércio que é fraco, em Ceilândia. Ninguém quer montar lojas lá, porque é do conhecimento geral que o poder aquisitivo dos moradores é classificado como o mais baixo do Distrito Federal. Nas áreas mais pobres, nas quais se concentram o maior número de crianças não existe nem mesmo farmácias. O comércio se reduziu às ruas centrais pelo temor de assaltos aos comerciantes. A administradora acha que Ceilândia é uma soma de grandes problemas sociais e que é preciso muita paciência para tentar minimizá-los: "O Governador Aimé Lamaison tem dado provas concretas de que está interessado em melhorar a qualidade de vida na satélite".

A moradora Maria de Fátima Mavignier - QNM 21 - B - Lote 11 - acredita nisso. Ela lembra a carência de água, anterior à administração Lamaison como o problema mais difícil que enfrentou no lugar: "Vim do Piauí procurando uma melhoria de vida e quando chegamos aqui nem água a gente conseguia. Hoje, ela exibe o barraco de madeira como uma conquista, apesar de revelar vontade de retornar ao Nordeste, porque "aqui a gente trabalha e não arruma nada". Mesmo assim, Maria de Fátima, mãe de oito filhos, dá seu voto de confiança à administradora e ao Governador por causa da construção do hospital. E todos os moradores acompanham com interesse as obras do hospital. Afinal eles só dispõem de um modesto e limitado posto de saúde, no qual, às vezes, mais de 100 famílias procuram atendimento num único dia.

Esse hospital foi uma das mais repetidas reivindicações que Maria de Lourdes Abadia Bastos ouviu durante os nove anos que administra a Ceilândia. Segundo ela, se for concretizada a promessa do envio à satélite, pela Secretaria de Segurança, do pelotão de cavalaria com 80 policiais, dois dos mais graves

problemas estarão resolvidos dentro de dois anos: a segurança e a saúde. E, se depender da boa vontade que ela tem encontrado nos moradores, haverá uma "substancial melhoria na vida do lugar".

SEM RECURSOS

Buscando exemplificar a força de vontade e perseverança dos habitantes, Maria de Lourdes lembra a criação da guarda-mirim por Carlinda Silva. A moradora, que morreu no final do ano passado, recolhia ajuda de todos os habitantes da satélite para manter sob sua guarda 250 crianças. Ela chegou a conseguir até com o Palácio do Planalto apoio para a construção da sede que será inaugurada, como parte das comemorações do aniversário, no próximo dia 25. Conta a administradora que Carlinda levantava de madrugada para fazer bolos que seriam consumidos pelos garotos na hora do lanche e quando não havia verbas para a compra de alimentos, ela desafiava a carência de segurança e realizava bailes beneficentes, arrecadando os recursos necessários para que seu trabalho inicial não se perdesse.

Também estão sendo organizados, na satélite, centros de criação de artesanato, além da associação dos feirantes que já conta com um alto nível de cooperação de todos os filiados. Por causa dessas obras, Maria de Lourdes se recusa a aceitar a imagem negativa que o Plano Piloto tem da Ceilândia: "Todo mundo acha que aqui só temos marginais mais isso além de verdade é injusto para com os habitantes que dão provas diárias de cooperação e união para solução de todos os problemas. E ela mesma dá o testemunho pessoal de que há maneiras de encontrar soluções baratas para administrar a cidade, bastando deixar de lado as formas tradicionais verificadas na administração pública: Maria de Lourdes não quis fazer nenhum coquetel no aniversário da cidade mas vai distribuir, como presente, milhares de camisetas aos moradores mais carentes.

OS INCANSÁVEIS

Do outro lado da administração oficial funciona, a todo vapor, a Associação dos Incansáveis, entidade na qual estão congregados 2.500 moradores pioneiros, que ainda estão com seus lotes sem regularização pela Terracap. Sem qualquer interferência no trabalho da Associação Maria de Lourdes Abadia Bastos acha que as soluções oferecidas pela Terracap não são injustas e estão dentro das condições dos moradores. O presidente da Associação, Oswaldo Bonfim, discorda porque, assim como a maioria dos pioneiros, ele acha que todos os removidos para fundar a Ceilândia receberam uma promessa oficial do Governo que terá que ser cumprida. Segundo ele e mais de mil testemunhas, a Terracap prometeu vender os lotes a preços simbólicos para os que aceitaram a proposta de transferência para Ceilândia. Só que agora ela deixou de regularizar os lotes e quer vendê-los até por Cr\$ 60 mil cada um.

A Associação está decidida a não aceitar o preço e para isso já buscou ajuda até da Comissão do Senado que estuda os problemas do Distrito Federal. Na reunião, no dia 17 de abril último no Senado Federal, participou como depoente o superintendente da Terracap, Coronel Eni de Oliveira. Ele não convenceu aos Incansáveis. E eles continuam realizando suas assembleias e esperando agora uma solução judicial para o caso. Por perceber fundamento jurídico nas alegações dos moradores a Ordem dos Advogados do Brasil, seção DF, assumiu a causa e move um processo em favor dos 2.500 moradores que ainda não receberam os lotes nos preços simbólicos.

Segundo informações da Ordem dos Advogados já estão sendo recolhidas as assinaturas necessárias à ação que chega ao Foro até o final deste ano. De qualquer maneira um dos Incansáveis, Benedito dos Santos Ferreira, já fez seu pedido de aniversário ao Governador: "A regularização imediata dos lotes para tranquilidade de 2.500 famílias.